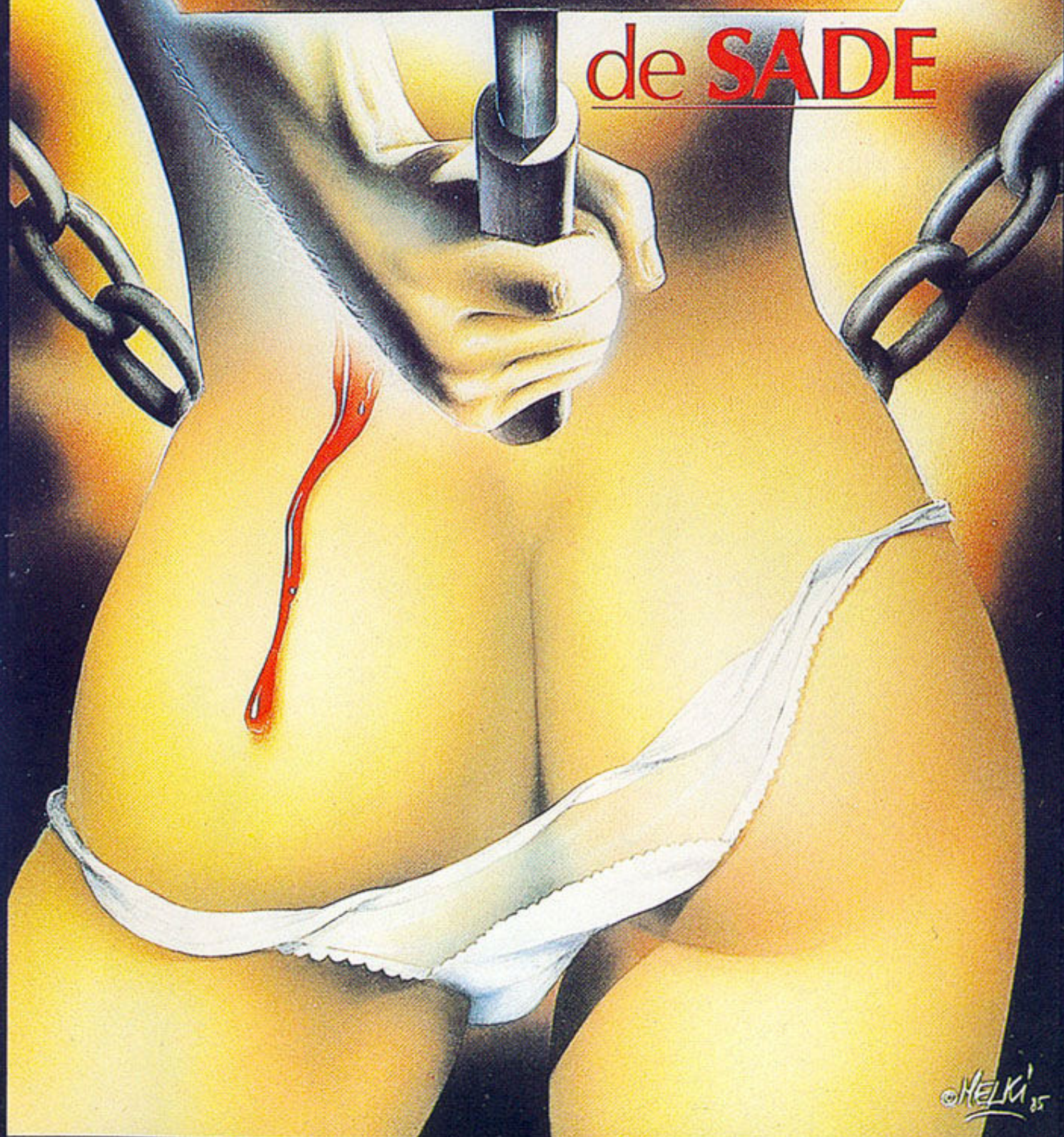


JUSTINE

de SADE



HELKI '85

Donatien-Alphonse-François
MARQUÊS DE SADE

JUSTINE
OU
As Desgraças da Virtude

Apresentação e tradução de
EDMOND JORGE



Entrelivros Cultural

APRESENTANDO O MARQUES DE SADE

Donatien-Alphonse-François de Sade, nasceu a 2 de junho de 1740 no palácio de Condé onde sua mãe, Marie-Éléonore de Maillé-Bréze de Carman, era dama de honra da princesa de Conde e também sua parenta. Seu pai, Jean-Baptiste-Joseph-François, era conde de Sade. Sua família é originária de Avinhão mas também é aparentada às melhores famílias da Provença.

Até o nascimento de Donatien, o personagem mais importante da família foi Laura de Noves, mulher belíssima que se torna esposa de Hugues de Sade, chamado o Velho, a 16 de janeiro de 1325 e por quem Petrarca, o grande poeta italiano viria a apaixonar-se, imortalizando-a em seus versos.

Aos sete anos, o "bambino louro", como a família chamava Donatien, tem sua educação confiada ao seu tio paterno, Jacques-François-Paul-Aldonse, conhecido também como abade de Sade, e que então era vigário-geral da Abadia de Ébreuil, próximo de Vichy. Não obstante os métodos pedagógicos pouco ortodoxos ecléticos do tio, o ensino é bom e o jovem aprende latim e grego em três anos. Aos dez ele passa a estudar em Paris, onde ingressa num dos melhores estabelecimentos de ensino dos jesuítas, o Colégio de Harcourt, onde dispõe até de um preceptor particular, o abade Amblet, que muitas vezes terá de intervir para abafar os escândalos do seu jovem aluno.

Dele dirá mais tarde o próprio marquês:

"Era homem firme e de muito espírito, sem dúvida adequado para formar a minha juventude. Infelizmente não o conservei por muito tempo".

Em 1754, devidamente munido de um título de nobreza, que então era indispensável para conseguir um posto no exército, Sade ingressa na Escola Preparatória de Cavalaria, que faz parte do Regimento da Cavalaria Ligeira da guarda. Esta escola rivalizava com a dos Mosqueteiros e ambas eram o objetivo dos melhores varões da nobreza de França.

Nomeado subtenente em 1755, dois anos depois passa a porta-estandarte do corpo de carabineiros do regimento do conde de Provença, irmão do rei. Em 1759 Sade passa a capitão do regimento de Borgonha e toma parte na Guerra dos Sete Anos contra a Prússia. Em Aline e Valcour, Sade atribui-se louros que seus superiores e companheiros também lhe dão.

Diz ele: "As campanhas foram iniciadas e atrevo-me a dizer que as fiz muito bem. Esta impetuosidade natural do meu caráter, esta alma fogosa que me deu a natureza, apenas intensificavam ainda mais esta virtude feroz a que dão o nome de coragem e que é considerada, creio eu erradamente, como a única necessária ao nosso estado."

Termina a Guerra dos Sete Anos com a assinatura do Tratado de Paris em 1763 e Donatien-Alphonse é reformado como capitão de cavalaria. Nessa época, os oficiais reformados não perdem seu posto e podem mais tarde voltar a usar o uniforme, como Sade fará em 1767 e 1770. Ele é um bom soldado mas começa a saturar-se da vida numa sociedade militar que não tem nada de puritana. Muito ao contrário.

A 29 de outubro de 1763, Donatien-Alphonse tem sua primeira experiência de prisão, na qual passará quase trinta anos de sua vida. Ele é preso em Vincennes por "devassidão", blasfêmia e profanação da imagem de Cristo, mas no mês seguinte é libertado, sendo porém obrigado a permanecer numa residência indicada, o palácio de Echauffour, na Normandia.

Em abril de 1764 recebe permissão para voltar a Paris. Em julho daquele mesmo ano, apaixonou-se pela Senhorita Colette, atriz do Teatro Italiano. Mas parece que esta aventura não o satisfaz, pois o Inspetor Marais, sempre atento às intrigas de toda a sociedade, diz num relatório que pediu à Brissault, uma rameira muito conhecida em Paris, que não enviasse meninas para Sade.

No ano seguinte é a vez da Senhorita de Beauvoisin, uma beleza famosa e cara, de atrair as atenções do marquês e naquele verão ele a leva a La Coste fazendo-a passar por parenta de sua mulher. Naquele mesmo ano, faz corte a uma freqüentadora dos salões parisienses e, numa de suas cartas, lamenta não tê-la desposado.

Segundo um dos seus superiores e que mais tarde será Ministro da Guerra de Luís XVI, Saint-Germain, "dizem coisas horríveis a seu respeito".

O pai de Donatien-Alphonse acaba por agastar-se com esta boataria sobre seu filho. Ao que parece, ele está sempre na companhia de prostitutas e proxenetas e não sai dos bastidores dos teatros. O pai pensa em dar um jeito de casar o filho para ver se ele passa a viver uma vida normal. Além disso, é sua intenção fazer um bom casamento — financeiramente, é claro — pois a situação financeira da família não vai muito bem. O próprio Donatien-Alphonse não se mostra avesso ao casamento e pensou, várias vezes, em casar-se com a preferida do momento.

Finalmente o pai do marquês arranja-lhe um casamento, e lhe diz que ele se casará com a Senhorita de Montreuil, ao que ele concorda com prazer pensando tratar-se de Anne-Prospère, a quem já vira e que era muito bela. Mas na verdade, a escolhida é Rennée, a outra irmã, até então ignorada. Esta conta vinte e três anos e é destituída dos encantos que a irmã tem em quantidade. Decepcionado, Donatien-Alphonse, mesmo assim, casa-se com Rennée, isto em 17 de maio de 1763, alguns meses antes da sua primeira prisão.

Seu pai falece a 24 de janeiro de 1767 e Donatien-Alphonse torna-se herdeiro das senhorias de La Costa, Mazan e Saumane, e também de dívidas muito altas. Neste mesmo ano ele prepara-se para reingressar no exército e também nasce seu primeiro filho, Louis-Marie, conde de Sade.

A fama do marquês continua aumentando e chega a chamar a atenção de Marais, que profeticamente, diz: "não demoraremos a ouvir falar dos horrores do senhor conde de Sade". É também o Inspetor Marais quem diz que Sade tentou inutilmente cortejar a Senhorita Rivière, dançarina da ópera e que não quis conhecer sua casa de prazeres em Arcueil nem aceitar os 25 luíses de prata mensais que lhe oferecia.

O dia 3 de abril de 1768 assinala o começo da espinhosa carreira sádica do marquês. Neste dia, um domingo de Páscoa, no passeio, uma mulher pede-lhe uma esmola. Os encantos dessa mulher, chamada Rose Keller, é que o levarão pela primeira vez às barras do tribunal.

Oferecendo-lhe um escudo ele a convence a acompanhá-lo à sua casinha. Ao chegarem, Donatien-Alphonse prende-a num aposento. Mais tarde, volta, manda-a despir-se e a flagela. Depois torna a prendê-la com algum alimento, prometendo voltar à noite para soltá-la. Rose Keller, porém, não espera e consegue fugir por uma janela, encontra-se com algumas mulheres, conta sua aventura, é levada ao palácio do notário onde lhe tomam o depoimento. Sade é preso por ordem do rei no palácio de Saumur, onde ficará dezoito dias. Dali é transferido para a fortaleza de Pierre-Encisa, próximo de Lyon, onde fica um mês. Somente em novembro é que será libertado por ordem do rei.

Seu segundo filho, Donatien-Claude-Armand nasce em Paris a 27 de junho de 1769. No ano seguinte, Sade retorna ao exército como capitão-comandante do regimento de Borgonha. Em 1771, a 17 de abril, nasce sua filha, Madeleine-Laure. Em agosto do mesmo ano Sade é preso por dívidas e suas dificuldades financeiras agravam-se no ano seguinte.

Em junho de 1772, ele realiza uma festa de prazer com várias jovens e seu criado Latour. Nesta reunião elas são flageladas e flageladoras e possuídas ora por Sade, ora pelo seu criado. Depois, as mulheres farão queixa de várias sevícias a que foram submetidas, declarando também que o marquês quis fazer sodomia com elas, acrescentando, porém, que recusaram. (No século XVIII, a sodomia, ativa ou passiva, era passível de pena de morte.) A 30 de junho, Marguerite Coste, julgando-se envenenada pelo afrodisíaco dado pelo marquês, apresenta uma queixa, resultando numa ordem de prisão de Sade, acusado de envenenamento e sodomia.

A 12 de setembro, Sade e seu criado Latour são executados e queimados em efígie na Praça dos Pregadores, em Aix-en-Provence. Meses depois, porém, à insistência do duque de Aiguillon, e por solicitação da Senhora de Montreuil, Sade é preso por ordem do Ministro dos Assuntos Estrangeiros do rei da Sardenha, e conduzido ao forte de Miolans. Mas em abril do ano seguinte, 1773, Sade consegue escapar da prisão, com a ajuda da Senhora de Sade, acompanhado do seu criado, Latour, e de outro preso, indo ocultar-se nos arredores de La Coste.

Em 1775, ouve-se falar novamente do marquês, acusado de ter raptado várias jovens. A Senhora de Montreuil, usando do seu vasto relacionamento, procura abafar o escândalo. Em fins de 1776 segundo uns, ou começo de 1777, segundo outros, o pai de uma cozinheira do castelo, Catherine Treillet, também chamada Justine, provoca um escândalo em La Coste, querendo arrancar sua filha daquele meio que considera pervertido. O marquês procura acalmá-lo e resolve não deixar que ele leve a filha antes de encontrar uma substituta. O pai, furioso, dá-lhe um tiro de pistola, sem contudo feri-lo.

Ainda procurado pela polícia, Sade é preso pelo Inspetor Marais no quarto de sua mulher, sendo levado para Vincennes. Não há dúvidas de que esta prisão foi obra da Senhora de Montreuil, que não esconde sua satisfação em livrar-se do genro turbulento. Sua mulher, porém, desesperada, tenta descobrir onde está preso o marido e faz planos para sua fuga. Mas o marquês é transferido para Aix por ordens do rei. Sade, porém consegue escapar no caminho de Valence. A Senhora de Montreuil, contudo, está decidida a manter preso o genro e consegue outra ordem de prisão do rei. Uma vez mais, o Inspetor Marais vai a La Coste e prende Sade.

Os anos seguintes encontram Donatien-Alphonse cada vez mais envolvido em dívidas e em seqüências de prisões, fugas e solturas.

Em 1781, ainda preso, Sade termina uma comédia, *O Inconstante*. No ano seguinte termina o caderno que contém *O Pensamento Inédito* e o *Diálogo entre um Padre e um Moribundo*, ano em que também começa a escrever os *Cento e Vinte Dias de Sodoma*. Em 1783 escreve *O Prevaricador* e *O Marido Crédulo*, duas comédias, e uma tragédia, *Jeanne Laisné*.

Em 1784 Sade é transferido para a Bastilha. No ano seguinte, sua mulher não pode visitá-lo na prisão porque o cardeal de Rohan (o Caso do Colar) está preso na Bastilha e as visitas estão proibidas. Em outubro ele termina os *Cento e Vinte Dias de Sodoma*, cujo manuscrito é um rolo de papel de quase vinte metros. Em 1786 começa a escrever *Aline e Valcourt*; em 1787 termina *Justine, ou as Desgraças da Virtude*, escrito em dezesseis dias.

Chegamos a 1789, ano da Revolução Francesa. No dia 2 de fevereiro, Sade grita pela janela da sua prisão que estão querendo estrangular os presos da Bastilha e que é preciso libertá-los. 14 de julho — Queda da Bastilha. Os papéis de Sade são dispersados. Em 1790 a Assembléia Nacional anula todas as ordens de prisão e o marquês é libertado. Sua mulher, que está no Convento de Sainte-Aure, recusa-se a recebê-lo.

Em outubro deste mesmo ano, o marquês inicia uma ligação com Marie-Constance Renel, uma comedianta, ex-mulher de Balthasar Quesnet. Essa ligação durará até sua morte.

A Comédie Française recebe por unanimidade *Sophie e Des-francs* ou o *Misanthropo por Amor*.

Em 1791 *Justine* é publicado. Em outubro desse ano, é apresentado no Teatro Moliere um drama em três atos que Sade escreveu na Bastilha: *Oxtiern ou as Desgraças da Libertinagem*, quando o público chama o autor à cena.

Em 1793, financeiramente, Sade está nas últimas e pede a Gaufridy, seu notário, que liquide tudo para que ele possa ter dinheiro. No fim desse ano ele volta a ser preso, adoece e é transferido para a casa de saúde de Picpus, sendo libertado em outubro.

Em 1795 publica-se *A Filosofia de Alcova* e *Aline e Valcour*; dois anos depois é a vez da publicação da *Nova Justine ou as Desgraças da Virtude*, seguida da *História de Juliette*, sua irmã.

Em 1801 publica-se *Crimes de Amor*, precedidos de uma Idéia sobre os Romances. Sade também escreve *O Autor dos "Crimes do Amor"* em Villeterque em resposta a um artigo publicado no ano anterior, acusando-o de ser o autor do "infame *Justine*". Em março desse ano Sade é preso na casa do seu editor, Massé. É depois transferido para a casa de saúde de Charenton. Em 1807, já há seis anos na prisão, ele escreve *Os Dias de Florbelle* ou a *Natureza Desvendada*, mas esse manuscrito é destruído. Sua mulher morre em 1810. Em 1812 Sade escreve *Adelaide de Brunswick, princesa de Saxe*; no ano seguinte é a vez de *História Secreta de Isabel da Baviera* e da publicação de *A Marquesa de Gange*.

A 2 de dezembro de 1814 morre Donatien-Alphonse-François de Sade.

JUSTINE

ou

As Desgraças da Virtude

A senhora condessa de Lorsange era uma dessas sacerdotisas de Vênus cuja fortuna é obra de uma figura encantadora, de muito comportamento mau e de muita trapaça, e cujos títulos, por mais pomposos que sejam, não se encontram nos arquivos de Cítera, forjados pela impertinência que lhes dá forma e mantidos pela tola incredulidade de quem os dá. Morena, muito viva, de belo corpo, olhos negros e dotados de uma expressão prodigiosa, muito espírito e, sobretudo, aquela incredulidade da moda que, dando mais chiste às paixões, faz procurar com muito mais cuidado hoje a mulher em quem julgamos encontrá-lo. Filha de grande comerciante da Rue Saint-Honoré, foi criada com uma irmã três anos mais nova que ela, num dos melhores conventos de Paris onde, até os quinze anos, nenhum conselho, mestre, bom livro ou talento lhe foi recusado. Nessa época fatal para a virtude de uma jovem, tudo lhe faltou num único dia.

Uma terrível bancarrota atingiu seu pai, precipitando-o numa situação tão cruel que tudo o que pôde fazer para escapar à sorte mais sinistra foi fugir imediatamente para a Inglaterra, deixando as filhas com sua mulher que morreu de tristeza oito dias após a partida do marido. Um ou dois parentes que restavam deliberaram sobre o que se faria com as moças. O que cabia a cada uma eram cerca de cem escudos e eles decidiram abrir-lhes as portas, dar-lhes o que lhes era de direito e torná-las senhoras dos seus próprios atos.

A senhora de Lorsange, que então chamava-se Juliette e cujo caráter e espírito estavam apenas quase formados de modo que, aos trinta anos, sua idade quando da história que vamos contar, pareceu impressionar-se apenas com o prazer de estar livre, sem refletir, por instante sequer, nos cruéis reveses que lhes rompiam os grilhões. Quanto à Justine, sua irmã, que apenas completava doze anos, dotada de um caráter sombrio e melancólico e de uma ternura e de uma sensibilidade surpreendentes, tendo em lugar da arte e da finura de sua irmã apenas uma ingenuidade, uma candura, uma boa fé que a fariam cair em muitas armadilhas, esta sentiu todo o horror da sua posição.

O rosto desta jovem era totalmente diferente do da Juliette; o que se via de artifício, de astúcia, de coquetismo nos traços de uma, admirava-se o pudor, a delicadeza e a timidez na outra. Um ar de virgem, de grandes olhos azuis cheios de interesse, uma pele resplandecente, um corpo fino e leve, um tom de voz tocante, a mais bela alma e o caráter mais doce, dentes de marfim e belos cabelos louros, este o esboço rápido de uma jovem encantadora, cujas graças ingênuas e traços delicados são de um estilo fino e delicado demais para não escapar ao pincel que gostaria de reproduzi-los.

As duas receberam um prazo de vinte e quatro horas para saírem do convento, deixando os cuidados de se proverem dos seus cem escudos como bem quisessem. Juliette, encantada com a idéia de ser dona de si mesma, quis por instantes enxugar as lágrimas de Justine, mas vendo que nada conseguia, pôs-se a resmungar em vez de consolá-la, dizendo-lhe que ela era uma besta, e que com a idade e o corpo que tinham, não havia porque seguir o exemplo das jovens que morriam de fome. E falou da filha de um vizinho seu, que fugira da casa paterna e agora era

faustosamente sustentada por um fazendeiro e tinha sua carruagem para passear em Paris. Justine sentiu-se horrorizada com esse exemplo pernicioso e disse que preferia morrer a segui-lo e recusou-se decididamente a aceitar morar com a irmã tão logo a viu decidida a seguir um tipo de vida abominável mas que Juliette elogiava.

Assim, as duas separaram-se sem que prometessem rever-se, pois suas intenções eram muito diferentes. Juliette, que pretendia tornar-se grande dama, não consentiria em rever a menina cujas inclinações virtuosas e baixas a desonrariam. Justine, por sua vez, não queria arriscar seus modos na companhia de uma criatura perversa que viria a ser vítima da devassidão e da perversão públicas. Assim, cada uma arrumou seus pertences e deixou o convento no dia seguinte, como ficara decidido.

Justine, que quando criança recebera os carinhos da costureira de sua mãe, julgou que essa mulher se sensibilizaria com sua sorte. Procurou-a, contou-lhe sua desdita, pediu que lhe desse trabalho e foi duramente recusada.

— Oh! céus! Disse a pobre criatura, será que o primeiro passo que dou no mundo já me conduz somente às tristezas... essa mulher outrora gostava de mim; por que hoje me repele? Ai de mim, é porque sou órfã e pobre ... é porque nada tenho no mundo ... é porque só se gosta das pessoas por causa da ajuda ou dos agrados que se imagina que possa vir a receber.

Vendo isto, Justine procurou o cura da sua paróquia, pediu-lhe alguns conselhos, mas o caridoso eclesiástico respondeu-lhe ambigualmente que a paróquia já estava sobrecarregada, que lhe era impossível participar das esmolas, que se ela quisesse servi-lo, ele a alojaria de bom grado em sua casa; mas como, ao dizer isto, o santo homem lhe passara a mão no queixo e lhe dera um beijo mundano demais para um homem da Igreja, Justine compreendeu bem o que se passava e se retirou imediatamente, dizendo-lhe:

— Senhor, não vos peço nem esmola nem um lugar de criada, não faz muito tempo que deixei um lugar muito superior para me ver reduzida a isso; peço-vos os conselhos que minha juventude e minha desdita precisam, e quereis fazer-me comprá-los com o crime ...

O cura, revoltado com estas palavras, abriu a porta, expulsou-a brutalmente e Justine, que fora repelida por duas vezes no primeiro dia, que estava condenada ao isolamento, entrou numa casa onde viu um anúncio, alugou um quatinho mobiliado, pagou adiantado e entregou-se à tristeza que lhe inspirava seu estado e a crueldade das poucas pessoas a quem sua desgraçada estrela a obrigara a recorrer.

Os leitores nos permitirão que abandonemos Justine por algum tempo naquele quarto obscuro para voltar a Juliette e saber dela como do simples estado em que a vimos partir, tornou-se em quinze anos numa mulher com títulos, possuindo mais de trinta mil libras de renda, belas jóias, duas ou três casas, no campo e em Paris e, por enquanto, o coração, a riqueza e a confiança do senhor de Corvine, conselheiro de Estado, homem do maior crédito e às vésperas de entrar para o Ministério. O caminho foi espinhoso, não duvidamos disso, pois é pelo aprendizado mais horrível e duro que essas senhoritas se desenvolvem. E é no leito de um príncipe que talvez recebam as

marcas humilhantes da brutalidade de libertinos depravados, em cujas mãos sua iniciação, sua juventude e sua inexperiência se lançaram.

Saindo do convento, Juliette foi à procura de uma mulher que falara nessa amiga da sua vizinhança, que se pervertera e cujo endereço conservava. Ela ali chegou acintosamente, com seu pacotinho de roupas debaixo do braço, um vestido desarrumado, o mais belo corpinho do mundo e ar de colegial. Ela contou sua história à mulher e lhe pediu que a protegesse como fizera, alguns anos antes, com sua velha amiga.

— Que idade tens, minha menina? perguntou a Senhora Du Buisson.

— Farei quinze anos dentro de alguns dias, madame.

— E nunca ninguém?...

— Oh, não, madame, eu vos juro.

— Mas é que às vezes, nesses conventos um capelão... uma religiosa, uma amiga ... preciso ter provas seguras.

— Basta apenas que as procureis, madame.

E a Du Buisson, espetando uns óculos sobre o nariz, e tendo verificado pessoalmente o estado exato das coisas, disse a Juliette:

— Está bem, minha menina, basta que fiques aqui: muita submissão aos meus conselhos, a máxima complacência com minha freguesia, elegância, economia e boa fé para comigo, doçura com tuas companheiras e trapaças com os homens, e dentro de alguns anos eu te porei em situação de te mudares para um quarto, com uma cômoda, um espelho, uma criada e a arte que terás adquirido em minha casa te dará os meios de conseguires o resto.

A Du Buisson pegou o pacotinho de Juliette, perguntou-lhe se tinha algum dinheiro e esta, com muita franqueza, disse que tinha cem escudos; a querida mamãe pegou-os assegurando à sua aluna que poria essa pequena quantia a lhe render, mas que não era bom uma moça ter dinheiro. Este era um modo de fazer mal e num século assim tão corrupto, uma jovem sensata e bem nascida devia evitar com cuidado tudo o que pudesse fazê-la cair numa armadilha.

Terminado o sermão, a recém-chegada foi apresentada às suas companheiras, mostraram-lhe seu quarto e, no dia seguinte suas primícias foram postas à venda; em quatro meses, a mesma mercadoria foi vendida sucessivamente a oitenta pessoas, todas as quais pagaram como nova e somente após este espinhoso seminário é que Juliette recebeu as patentes de irmã conversa. Daí por diante ela passou a ser realmente conhecida como filha da casa e participou das suas libidinosas fadigas ... outro noviciado. Se no primeiro, após alguns desvios Juliette servira à natureza, ela esqueceu suas leis no segundo; requintes criminosos, prazeres vergonhosos, devassidões secretas e crapulosas, gostos escandalosos e bizarros, fantasias humilhantes, e tudo isso fruto de parte do desejo de desfrutar sem arriscar a saúde, do outro, fruto de uma sociedade

perniciosa que, corrompendo a imaginação, só se deixa expandir pelo excesso e satisfazer-se somente pela libertinagem.

Juliette corrompeu por completo seus costumes nesse segundo aprendizado, e os triunfos que obteve no vício degradaram totalmente sua alma. Ela sentiu-se nascida para o crime, pelo menos devia subir bastante e renunciar à possibilidade de fenecer num estado subalterno que a obrigava a cometer as mesmas faltas, aviltando-a igualmente e que não lhe traria praticamente os mesmos resultados compensadores. Ela agradou a um velho senhor muito devasso que antes a procurava somente para uma aventura de um quarto de hora. Juliette soube entretê-lo magnificamente e por fim compareceu aos espetáculos, aos passeios ao lado dos elegantes da ordem de Cítera. Ela foi olhada, falaram em seu nome, desejaram-na e a velhaca saiu-se tão bem que em quatro anos arruinou três homens, sendo que o mais pobre deles tinha cem mil escudos de renda. Não era preciso mais para lhe dar fama; é tal a cegueira da gente deste século que quanto mais de uma destas desgraçadas demonstrava sua desonestidade, maior a inveja de entrar na sua lista. Parece que o grau do seu aviltamento e da sua corrupção torna-se a medida dos sentimentos que se ousava ter por ela.

Juliette completava seus vinte anos quando um conde de Lorsange, um cavalheiro de Anjou, de uns quarenta anos de idade, ficou de tal modo encantado com ela que resolveu dar-lhe seu nome, pois não tinha riqueza suficiente para mantê-la de outra forma. Ele lhe deu doze mil libras de renda, assegurou-lhe o resto da fortuna, que chegava a oito, caso morresse antes dela, presenteou-a com uma casa, criados, e uma espécie de consideração no mundo que em dois ou três anos fez todos se esquecerem de como ela começara a vida. Foi aqui que a desgraçada Juliette, esquecendo-se de todos os sentimentos da sua origem honesta e da sua boa educação, pervertida pelos maus livros e pelos maus conselhos, desejosa de desfrutar da vida sozinha, de ter um nome e nada que a prendesse, ousou pensar num meio desonesto de abreviar os dias do seu marido. Ela imaginou e executou sua idéia em tal segredo, infelizmente, que pôde escapar a qualquer suspeita, e enterrar com esse esposo que a atrapalhava, todos os traços do seu abominável gesto.

Novamente livre, e agora condessa, a Senhora de Lorsange retomou seus antigos hábitos, mas julgando-se alguma coisa no mundo, usou de um pouquinho mais de decência. Ela já não era mais uma concubina; era uma viúva rica que dava elegantes jantares na sua residência, para onde a cidade e a corte sentiam-se muito felizes em serem convidadas. Mas, mesmo assim, ela ia para cama por cem luíses e se entregava por quinhentos por mês. Até os vinte e seis anos fez brilhantes conquistas, arruinou três embaixadores, quatro fazendeiros, dois bispos e três cavaleiros das ordens do rei. E como é raro parar após o primeiro crime, sobretudo quando se saiu bem, Juliette, a desgraçada e delinqüente Juliette tisonou-se com dois novos crimes iguais ao primeiro, um para roubar um dos seus amantes, que lhe confiara uma quantia considerável de cuja existência toda a sua família ignorava e que a Senhora de Lorsange pôde ficar para si graças a esse crime odioso. O outro para receber mais depressa um legado de cem mil francos que um dos seus adoradores incluía no seu testamento em seu favor, em nome de um terceiro que deveria entregar a quantia em troca de pequena retribuição.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

